



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

REBECA HENRIQUES DA COSTA

**TECNOLOGIAS DISCURSIVAS DE PODER E SUBALTERNIDADE EM
MACHADO DE ASSIS**

**CAMPINA GRANDE-PB
2018**

REBECA HENRIQUES DA COSTA

**TECNOLOGIAS DISCURSIVAS DE PODER E SUBALTERNIDADE EM
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de graduada no Curso de Licenciatura plena em Letras Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barreto Justino.

**CAMPINHA GRANDE-PB
2018**

C837t Costa, Rebeca Henriques da.

Tecnologias discursivas de poder e subalternidade em Machado de Assis [manuscrito] / Rebeca Henriques da Costa. - 2018.

21 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Foucault. 2. Tecnologias de poder . 3. Relações de poder. 4. Análise do discurso . I. Título

21. ed. CDD 401.41

REBECA HENRIQUES DA COSTA

**TECNOLOGIAS DISCURSIVAS DE PODER E SUBALTERNIDADE EM
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para obtenção do título de graduada
no Curso de Licenciatura plena em Letras
Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 28/11/2018.

BANCA EXAMINADORA



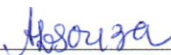
Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: _____



Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: _____



Prof. Dr. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: _____

Nota final: _____

À minha querida filha Laura e à memória de
minha avó Maria do Carmo. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, sou grata a todas as oportunidades que me concederam chegar até aqui, em seguida gostaria de agradecer a algumas pessoas especiais, que me ajudaram de alguma forma com a construção deste trabalho e também durante todo o percurso acadêmico.

Ao professor Luciano Justino, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação com o trabalho.

Ao meu pai Jorge Batista e a minha mãe Giovanna Henriques, pela compreensão, por minha ausência nas reuniões familiares, por apoiarem e me motivarem desde o início dessa caminhada.

Aos meus amigos Matheus Venício, Tatiane Fernandes e Manu Leal, que me ajudaram durante todo o processo da construção desse trabalho e também durante os momentos mais difíceis da graduação, grandes amigos me faltam palavras para descrever sobre a bondade de vocês e o quanto sou grata por tudo que fizeram por mim.

Ao meu noivo Demóstenes Gutierrez, que me sempre esteve ao meu lado me dando todo apoio necessário para que eu chegasse até aqui, por todo amor e compreensão.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

*“A missanga, todos a veem.
Ninguém nota o fio que,
em colar vistoso, vai compondo as missangas.
Também assim é a voz do poeta:
um fio de silêncio costurando o tempo.”*

Mia Couto

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	07
2	TECNOLOGIAS DE PODER EM FOUCAULT.....	08
3	MACHADO DE ASSIS E A MODERNIDADE PARADOXAL BRASILEIRA	11
4	ANÁLISE DO CONTO “PAI CONTRA MÃE”	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	21

TECNOLOGIAS DISCURSIVAS DE PODER E SUBALTERNIDADE EM MACHADO DE ASSIS

Rebeca Henriques da Costa

RESUMO

Este artigo pretende discutir a partir do conceito de poder em Foucault a análise crítico-social por Machado de Assis no conto “Pai contra Mãe”. Para tanto, embasamos as discussões em primeiro esclarecer o conceito de poder em Foucault em sua obra sobre as relações de poder, retratar a sua ideia sobre as tecnologias de poder como uma ferramenta utilizada para estimular as relações de poder dentro dos espaços sociais. Demonstrar como e a partir de que essas tecnologias funcionam, enfatizando também seu lado negativo dentro das relações de poder, expondo a quem elas servem e quem os prejudicados por elas. Em um segundo momento irá expor a concepção de modernidade dentro do ponto de vista histórico, descrever os momentos cruciais em que ela se diferencia ao decorrer da história e vai tomando novas formas com o passar dos séculos. Ainda nesse momento será mostrado como Machado de Assis expõe sua opinião sobre a sociedade moderna brasileira através de sua escrita, descrevendo de que forma ele a expõem e discutindo a respeito de suas intenções ao fazê-la. E em terceiro iremos analisar como “Pai contra mãe” é um exemplo de como Machado de Assis utiliza-se da escrita literária para criticar a realidade social de sua época e ressaltar também a importância do texto literário como ferramenta de posicionamentos ideológicos para reflexões políticas.

Palavras-Chave: Pai contra mãe. Machado de Assis. Poder. Foucault

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa se propõe a investigar como Machado de Assis utiliza-se do texto literário para apresentar reflexões a respeito das relações de poder estabelecidas na sociedade do século XIX, sob o enfoque das teorias do filósofo francês Michel Foucault.

Se entendermos a literatura como um texto que, mesmo sendo fictício, não deixa de estabelecer vínculos com elementos presentes na realidade, e que pode ser utilizado como ferramenta de reflexão para desconstruir, ou até mesmo construir, ideias dentro da sociedade, podemos perceber que Machado de Assis denuncia a realidade vivida pela sociedade de sua época.

É incontestável que a Literatura, assim como as diversas formas de expressão artística, faz uma transfiguração do real, contempla uma visão do autor sobre sociedade de acordo com o período em que foi produzido. Dessa forma, a análise de obras que representam as formas das relações do poder em cadeia propõe um olhar para se compreender como se dão as formas do domínio, com ênfase no indivíduo que sofre com as consequências geradas por ser dominado.

Todavia, para melhor contextualizar a discussão, iremos refletir como se dão essas relações entre os indivíduos e os diversos tipos de poder em cadeia através do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, refletindo sobre a forma de vida de seus personagens.

O conto em questão foi publicado em 1906, pouco tempo após a abolição da escravidão; é uma história narrada na terceira pessoa, e este narrador transporta a voz da elite brasileira transparecendo a opinião burguesa a respeito da escravidão. Cândido, o protagonista, é um personagem pobre que não encontra emprego formal e acaba virando capitão do mato, e passa a “caçar” escravos. Após casar-se com Clara passa a fazer parte da família constituída por ela e sua Tia Mônica que a acolheu desde que ficara órfã.

Depois de casados, resolvem que vão ter um filho, mas nem os amigos próximos e nem a Tia de Clara via tal atitude com bons olhos; mesmo assim, eles insistem e dão à luz a uma criança. Com o passar dos dias do nascimento do bebê, foram obrigadas a levá-lo para que outra pessoa cuida-se da criança, pois Cândido que tinha um trabalho informal encontrava-se sem condições de sustentá-lo.

No caminho de levar a criança que será enjeitada Cândido se depara com o anúncio de uma escrava fugida e resolve tentar a sorte. Pelo seu caminho cruza com a personagem Arminda a escrava do anúncio que ao descobrir que estava grávida fugira da fazenda, onde era cativa. O empasse se trava no conto a partir do momento em que os dois personagens passam a lutar pelo direito de estar em liberdade com seus filhos. Cândido sai vitorioso e devolve a Arminda ao seu dono, ela acaba sofrendo um aborto e perde seu filho ainda no ventre, já ele volta para casa com seu filho com vida e com condições para cria-lo e tê-lo por perto por mais algum tempo.

É partindo da perspectiva de poder foucaultiana que o conto será trabalhado, a partir de uma teia tecida entre os personagens, desde a microestrutura familiar do personagem Candinho, até a macroestrutura da instância que governava a escravidão que afetava a personagem Arminda. Percebemos a necessidade desta pesquisa ao detectarmos a demanda que tem surgido em falar sobre o quanto nós, como indivíduos, estamos presos a alguma forma de poder e como devemos estar conscientes de todas elas, podendo assim reunir forças e lutar contra as relações que nos aprisionam.

2. TECNOLOGIAS DE PODER EM FOUCAULT

O filósofo Michael Foucault, a partir da observação, explorou a composição da sociedade moderna e elaborou uma vasta obra que pudesse explicar as diversas possibilidades que compõem a relação dos seres superiores e subalternos. Foi um homem que gostava de conhecer e estudar o funcionamento de hospitais, cadeias e hospícios. Para o estudioso, essas instituições são transparentes e as relações entre quem detém o poder e quem é passivo a ele se tornam mais visíveis. Seu estudo sobre essas relações se intitula como: “relações de poder”.

Deleuze (2008) afirma que o “poder” na obra de Foucault é representado como uma força, mais precisamente como uma relação de forças, compostas por um ser superior que detém o controle de objetos e ações, e de um ser subalterno, pessoa ou objeto que são submetidos ao poder do indivíduo superior.

Foucault (2015, p.370) enxerga o poder como um “feixe aberto mais ou menos coordenado (e sem dúvida mal coordenado) de relações”. Para o estudioso, essas relações não existem necessariamente de cima para baixo, mesmo admitindo que seja evidente que uma relação “desigual é relativamente desigual de força” e implica ser “uma em cima e um em baixo” por “uma diferença de potencial” (FOUCAULT, 2015, p.372). Desta forma, Michael Foucault (2015, p.372) acredita que para “que haja um movimento de cima para baixo é preciso que haja, ao mesmo tempo, uma capilaridade de baixo para cima”, ou seja, é preciso que uma ação impulse de alguma forma a relação também de baixo para cima.

Em sua obra *Microfísica do poder*, trata sobre casos isolados justamente entre a relação do ser superior e o subalterno, porém, com enfoque nesse último e que tipos de danos ele pode vir a sofrer diante das escolhas feitas por um ser que detém o poder ao qual ele é submisso. Assim, Foucault (2015) afirma que o estudo não tem a intenção de:

[...] formular a pergunta sem resposta: “quem tem o poder e o que pretende, ou o que procura aquele que tem poder?”; mas estudar o poder onde sua intenção- se é que há intenção- está completamente em práticas reais e efetivas; estudar em sua fase externa, onde ele se relaciona direta e indiretamente com aquilo que podemos chamar provisoriamente de seu objeto, seu alvo ou campo de aplicação, quer dizer, onde ele implanta e produz efeito. (FOUCAULT, 2015, p. 283)

Diferentemente da ideologia marxista, o estudioso não acredita que o poder esteja dividido apenas em classes sociais, mas em uma extensão que vai de pequenas

estruturas familiares a grandes estruturas institucionais. Contudo, afirma-se que não se deve:

[...] tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre outros, de uma classe sobre outras, mas também ter bem presente que o poder- desde que não seja considerado de muito longe- não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. (FOUCAULT, 2015, p.284)

Para Michael Foucault, o poder não se centralizava apenas em grandes instituições governamentais, mas em toda uma rede na qual exista relação entre as pessoas. Assim, basta apenas que as pessoas dividam o mesmo espaço para que ocorra o surgimento de uma “cadeia” e um sujeito passará a agenciar, produzir discursos, “verdades”. Mesmo que não seja explícita, a ação de poder se fará presente, seja dentro de uma relação familiar, como também a de fiéis com seu pastor, a de professores com seus alunos, etc. Esses tipos de relações se tornam uma estrutura de poder, pois dentro delas existe um comando de hierarquia, e o indivíduo que se encontra no comando tem como função vigiar as ações de seus subalternos e se necessário estabelecer punições a ações que possam ser indesejadas.

Mesmo analisando os pequenos pontos de poder, Foucault não nega a existência de um macro poder vindo das grandes instituições. É advertido por ele que seria mais simples se essa estrutura fosse única, pois então seria mais fácil de combatê-la, porém, é necessário entender a cadeia de poder que se entrelaça entre os espaços e “ao invés de perguntar como o soberano aparece no topo, tentar saber como foram constituídos.” (FOUCAULT, 2015, p. 283). Sendo assim, é necessário que se possa compreender como “a partir da multiplicidade dos indivíduos e das vontades, é possível formar uma vontade única, ou melhor, um corpo único, movido por uma alma que seria a soberania.” (FOUCAULT, 2015, p. 283).

Nessa perspectiva, para Foucault, o ser que detém o poder só permanece instável e ao topo devido às tecnologias de poder que impulsionam o subalterno à sujeição. Martins (2016) assevera que o conceito de Tecnologias de poder em Foucault se dá a partir de discursos ideológicos que “determinam a conduta do indivíduo, que o submetem a certos tipos de fins ou de dominação que constituem uma objetivação de sujeito” (MARTINS, 2016, p. 2). Por isso, podemos afirmar que a força que impulsiona

o ser subalterno é a tecnologia do discurso ideológico. Por sua vez, os discursos ideológicos se dão a partir da produção de verdades, como afirma Foucault:

O que faz o poder se manter, que seja aceito, é simplesmente que não pesa somente como uma força que diz não, mas que, de fato, circula, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso; é preciso considerá-lo mais como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social que como uma instância que tem como função reprimir. (FOUCAULT, 1971, p.48).

As verdades produzidas pelo poder são transmitidas dentro da sociedade, fazendo com que o sujeito subalterno seja conformado com uma ideia ideológica que diminui a sua força e o condiciona a ser consensual ao comando de seu a quem detém o poder. Após serem produzidas, as verdades circulam dentro da sociedade a partir de tecnologias discursivas, que são os discursos ideológicos, e que permeiam por todos os âmbitos da sociedade até atingirem os alvos receptores que são os seres subalternos. Ou seja, através de uma manipulação mascarada, os seres subalternos agem e produzem a favor de quem está no topo da cadeia.

Logo, as tecnologias de poder agem a partir de estratégias que determinam a configuração do ser humano, alterando sua realidade, controlando o seu comportamento, tornando-o um ser disponível e moldado para estar a serviço de quem detém o poder. Para Foucault, as estratégias usadas nas relações de poder tornam os corpos disciplinados, deixando-os mais fáceis de serem controlados, e tornando-os objetos manipuláveis.

Martins (2016) nos diz que as tecnologias analisadas por Foucault dentro das relações de poder são capazes de produzir “corpos dóceis” incapazes de se manifestarem, e por isso propícios à servidão. As tecnologias de poder são vistas pelo filósofo Foucault de forma negativa, pois transformam corpos em máquinas e retiram vida do ser vivo que é o ser humano.

Diante disso, podemos afirmar que essas tecnologias de poder analisadas por Foucault dentro do contexto em que se estabelecem as relações de poder, além de desiguais, são desleais e oportunistas, causando dor, sofrimento e incontáveis perdas ao ser inferiorizado, que participa da pior maneira, pelo então impasse de forças travada nas relações.

3. MACHADO DE ASSIS E A MODERNIDADE PARADOXAL BRASILEIRA

A modernidade surgiu aos poucos dentro das sociedades, carregando um mundo novo com novas ideias e novas formas de pensar a vida. Com o início das grandes indústrias, os indivíduos, que antes eram divididos por suas raças e crenças, passam a fazer parte de um único grupo como operários. Uma nova sociedade é criada para ser ordenada e exercer a função de produzir, mas que acaba se desordenando, pois, seus valores e ideias de como pensar o mundo mudam com a nova rotina. Enfrentar a mudança de entrar em um mundo novo é uma tarefa extremamente complicada para as sociedades, todos os valores e as formas de enxergar o mundo anteriormente usados entram em conflito com a nova realidade e já não servem mais.

Berman (1987), em uma tentativa de explicar de forma controlada os eventos sobre modernidade dividiu em três fases; Na primeira fase, do início do século XVI, até o fim do século XVII, afirma que as sociedades experimentam a vida moderna sem um profundo conhecimento, procuram ainda o entendimento das coisas que acontecem a sua volta que não são como antes. A segunda fase o estudioso intitula de “Revolucionária”; para eles, a sociedade vivia e pensava em revoluções, passava por uma onda dramática, pois vivia ainda dividido entre o que era novo e as ideias do passado. Não eram modernos ainda por completo, mas buscavam encontrar-se nesse mundo novo e com a modernidade de fato. Posteriormente, na terceira e última fase, que se inicia no século XX, o homem tenta abarcar o mundo inteiro, todas as raças, todas as culturas e se perde na ideia do que afinal seria a modernidade; o que antes deveria surgir como algo que viesse ser bom para a vida do homem, perde a capacidade de dar sentido à vida do homem e passa a atrapalhá-lo.

No Brasil, a modernidade tem sua própria face e segundo Schwarz (1992) estaria “fora do centro das ideias” modernas, pois o país girava através de um sistema de produção coberto pela escravidão; todo esse sistema de produção e lucratividade se dava pelo trabalho escravo. Segundo Schwarz (1992) a economia da colônia brasileira era centrada no monopólio das terras, promovendo assim “três classes: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, na verdade dependente” (SCHWARZ, 1992, p.15). Desta forma, o latifundiário tinha uma mão de obra barata e uma grande quantidade de lucro em cima do trabalho escravo. Já para o “homem livre” nada o restava, para ele não existia propriedade nem trabalho, pois este já era reservado para o escravo.

O escritor moderno brasileiro Machado de Assis decide expor em sua obra essa realidade que consistiu a modernidade no Brasil. Inspirado pelas ideias revolucionárias da segunda fase da modernidade, ele compõe uma obra dedicada a falar sobre esse sistema falho e de grande caos instalado no âmbito nacional, explorando todas as peculiaridades vividas especificamente pela sociedade brasileira. Com a escrita de narrativas, ele começa a tecer suas críticas sobre a sociedade moderna, a partir de personagens que evidenciavam a realidade dos indivíduos que de alguma forma eram dependentes de suas condições sociais.

Contemplando uma postura ética contextual, entendendo e problematizando as questões sociais de sua época a fim de denunciar através de sua escrita o contexto problemático de seu tempo, Machado de Assis posicionava sua opinião de forma crítica às ideologias predominantes na sociedade no tempo em que viveu, a partir das tramas em que envolvia seus personagens. Assim, através de diálogos entre os personagens e também da opinião sugestiva do narrador, ele tece suas histórias mostrando o seu ponto de vista do que era real e não ideal da sociedade moderna. Segundo Chalhoub, “Machado de Assis, em vários de seus escritos, testemunhou e analisou sistematicamente o ponto de vista do dominado – ou dependente, ou do subalterno.” (CHALHOUB, 2003, p. 64).

Nesse sentido, através dos artifícios da língua portuguesa, Machado de Assis se utilizou do discurso irônico para desconstruir estereótipos antes cristalizados sobre a identidade brasileira. Assim, Peralva (2010) nos diz que: “A crítica machadiana à realidade brasileira incide menos sobre seus possíveis fatos positivos e mais no modo como a sociedade produz discurso (vale dizer interpretação) sobre a realidade” (PERALVA, 2010, p. 230). Ao utilizar do artifício linguístico da ironia, muitas vezes dizia o contrário do que gostaria de dizer, assim, quando o leitor investigador se depara com o que lê, toma um impacto, a ideia é fazer com que esse reflita sobre a história que acabou de ler. Para Chalhoub (2003): “Tratava-se da produção de um outro texto, contratexto, que revelava nas entrelinhas, mas não a qualquer observador, na piada talvez ingênua, no dito chistoso, na ambivalência das palavras, na ambiguidade da intenção” (CHALHOUB, 2003p. 64).

Ao dar voz aos personagens subalternos, Machado concedeu também sentimentos, fazendo com que o leitor tenha empatia e possa enxergar as denúncias realizadas a respeito da sociedade de sua época. O escritor descobriu a ideia de que um

subalterno deve ser passivo e incapaz de lutar por si e por suas vontades e, ao mesmo tempo, mostra as possíveis consequências de quando esse se rebelava.

Por isso, para Chalhoub (2003) Machado seria um

[...] intérprete incansável do *discurso político possível* aos dominados em tais situações que, posto que rotineiras, traziam sempre risco de deslize, da palavra dita em má hora, provocando em contrapartida os atos de agressões e humilhações dos detentores das prerrogativas senhoriais. (CHALHOUB, 2003, p. 62)

Foi através de suas narrativas que Machado de Assis registrou tudo que pensava da sociedade de sua época. Realizou diversas críticas à política dominante do estado, a superioridade dos nobres e suas imposições aos mais pobres e dominados, os subalternos e suas condições de vida precárias. De acordo, com Chalhoub (2003):

“Seu objetivo consistia em desenvolver uma interpretação consistente da história política e social do país entre aproximadamente 1850 e 1871, e as mudanças na arte política dos dependentes eram parte importante da história que havia de ser contada.” (CHALHOUB, 2003 P.65)

Por esse motivo, Machado foi um marco de sua época, pois apresenta em sua obra uma visão realista dos fatos pertinentes que permeavam a realidade da modernidade brasileira. De forma revolucionária, criticou e expôs a problemática vivenciada pelo povo brasileiro, tecendo críticas desde o sistema político aos problemas sociais.

4. ANÁLISE DO CONTO “PAI CONTRA MÃE”

“Pai contra mãe” narra a história de um impasse entre um pai (Candido) e uma mãe (Arminda), que tentam a todo custo proteger a vida e a presença de seus filhos ao seu lado. Suas ações são narradas no período de escravidão no Brasil. A situação gira em torno dos dois personagens, de um lado um homem branco livre, porém pobre, do outro lado uma mulher negra que vivia em regime de escravidão.

Candido, o personagem paterno, tem como função caçar escravos fugidos em busca de recompensas. Ele se encontra endividado por falta de trabalho e necessitando de dinheiro para sustentar sua esposa e o filho recém-nascido. Em seu caminho, encontra-se com Arminda, a personagem materna, uma negra que fugira após descobrir que estava à espera de um filho e decidira que não o criaria dentro do regime de

escravidão. Arminda tem uma recompensa de 100 mil réis para quem estiver disposto a capturá-la e devolvê-la ao dono.

Necessitado e prestes a perder seu filho por não poder sustentá-lo, Candido, segundo o narrador, não se compadece de Arminda, mesmo conhecendo o motivo pelo qual ela fugira, e leva-a de volta ao seu dono em troca da recompensa. Ao chegarem à casa do senhorio, Arminda sofre um aborto devido às agressões que sofrera no caminho por resistir quando capturada. Candido retorna para casa com a recompensa e a certeza de poder cuidar de seu filho por mais alguns dias.

Antes de analisar os personagens separadamente, é importante frisar que há algo em comum entre eles dentro da narrativa, que é o fato do narrador. Machado utiliza uma tecnologia moderna de poder que é o discurso. Dessa forma o narrado, além de contar a história dos personagens, também se posiciona de forma participativa, dando sua opinião a respeito dos fatos que ocorrem na história, porém sua “opinião” vai além de comentários maldosos, ele possui uma voz carregada de ideologias. A voz do narrador ecoa os discursos repetidos várias vezes como uma verdade dentro dos ambientes compostos no Brasil colonial, essa voz e esse discursos do narrador representam a voz da elite brasileira.

Os dois personagens correspondem a duas escalas de poder. Ambos estão inseridos em uma teia que os envolve em uma trama, os fios dessa teia percorrem por uma grande estrutura e uma pequena estrutura de poder. Na grande estrutura, o poder do soberano corresponde ao estado, que determina o meio de vida de sua população. Nesta estrutura, os dois personagens são submetidos de alguma forma à vida de submissão. Na pequena estrutura, a teia de relações de poder se encontra entre familiares, nesse caso, apenas Candinho aparece como sujeito subalterno.

A personagem Arminda representa o papel de uma mulher negra capturada e forçada ao trabalho escravo, dependente de um regime que a coloca como subalterna ao seu comprador. Em específico, nesse caso, o poder não é mascarado, muito pelo contrário, é extremamente explícito, o que o torna conveniente e aceitável pela sociedade da época através do discurso que girava em torno do indivíduo negro.

O negro não era visto como ser humano e sim como uma mercadoria. Seu corpo era tido como o de um animal, um ser sem sentimentos. Segundo Mbembe:

[...] o regime colonial instituiu, na realidade, a questão da raça enquanto princípio de exercício e poder, uma regra de sociabilidade e mecanismo de imposição de comportamentos em nome do aumento da rentabilidade econômica. (MBEMBE, 2014, p.144).

Como podemos ver, na sociedade colonial, os brancos detinham o poder absoluto sobre os negros, as duas raças eram bem divididas e cada uma delas determinava claramente quem estava no comando. Todos os danos causados por uma raça sobre a outra, a raça branca superior à negra subalterna, se justificava em nome do lucro do detentor do poder. E nada era questionado, pois as raças também definiam quem era humano e quem era mercadoria.

Para Mbembe (2014), dentro da relação de negros e brancos, o negro era visto pelo branco como um animal, um ser desconhecido, sem sentimentos, selvagem que a qualquer momento poderia atacar os brancos, e isso se dava pelo fato de as pessoas desconhecerem a origem do indivíduo negro; não conheciam suas terras, seus costumes, suas crenças. Devido à falta de conhecimento, o medo tomava conta da situação, fazendo com que a maioria da raça branca realmente crescesse pensando que o negro era um ser selvagem, sem entendimento, servindo assim a quem detém o poder, que não se importava com a verdade da origem negra e visava apenas enriquecer, causando danos irreparáveis à raça negra.

Machado, ao descrever sobre o regime de escravidão, usa de um artifício da língua justamente para enfatizar o discurso do quão desumanamente era tratada a vida do indivíduo negro. Em seu texto utiliza-se do discurso irônico para descrever as barbaridades na maneira em que se tratava o negro:

Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-deflandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. (MACHADO, 1906, P. 01.)

É a partir de ditos como “A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca” e “aí ficavam dous pecados extintos”, usados pelo narrador, que percebemos a crítica que Machado faz ao modo como o negro foi massacrado na escravidão, pois ele mostra de forma dolorosa a consequência gerada por quem detém o poder sobre o negro. A forma em que ele descreve como atos de bondade as atrocidades aos quais os negros eram submetidos é proposital, para que o impacto da

leitura faça com que o leitor reflita sobre ações reais, que de fato aconteceram na história colonial brasileira.

No parágrafo seguinte, quando começa a relatar sobre a recorrência de negros fugidos da escravidão, Machado continua com ditos irônicos como “Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão” e “nem todos gostavam de apanhar pancada”, e segue narrando a então perda do patrão, afirmando que ele “não era mau”, apenas estava preocupado com o dinheiro que perdera na compra do escravo, quando este fugia afinal, como o narrador explica ironicamente, “dinheiro também dói” quando é perdido. Nesse momento, o autor tece uma crítica ao homem branco, detentor do poder, que percebe a insatisfação do negro, é ciente dos danos causados a seu subalterno, mas nada disso importa. A ele o que importa é o lucro e a produtividade, o importante é que ele não perca o dinheiro que investiu e o quanto continuará ganhando com a mão de obra do negro.

Ao descrever Arminda, ele parte para outra perspectiva de visão do negro, pois a personagem é apresentada com pensamentos conscientes e também com sentimentos. Arminda foge da escravidão por ter consciência de que criar o filho dentro do regime não é apropriado, e ela faz isso por amor. Arminda ama o filho que está sendo gerado em seu ventre e por ser consciente de seu sofrimento dentro do regime não admitia que ele vivesse nas mesmas condições em que ela viveu, por isso ela foge.

Do lado oposto ao impasse da trama, existe o personagem Candido; ele é outro indivíduo envolvido em uma teia de relações de poder e também subalterno. Candido aparece na história como um personagem pobre, sem estudo, sem recursos financeiros, à mercê do que o mercado de trabalho tem a oferecer. A teia de poder que o envolve e o coloca em duas situações: uma de subalterno ao estado devido a sua classe social e outra em uma estrutura familiar na qual ele recebe ordens e comandos de parentes.

Na primeira relação da teia em que Candido está inserido, o poder que o envolve e determina suas ações aparece de forma sutil e invisível, por ser um homem branco, acredita-se que ele seria livre, porém o personagem é preso a sua condição social e sendo preso a ela é preso também à necessidade de sobrevivência, o que faz de Candido subalterno ao poder do capital e do estado.

Segundo o narrador, Candido tem o “ofício” de “pegar escravos fugidos” por ser uma das mais simples profissões, que exigira nenhuma habilidade intelectual. Machado ironicamente o descreve como alguém que “cedeu à pobreza” incapaz de se adaptar ao trabalho intelectual, que por várias vezes desistirá da profissão “por sua

vontade”. Porém Candido não escolhe sua condição social, ela é imposta, suas necessidades de sobrevivência não permitem que ele provenha de tempo para se dedicar a aprender algo que exigisse mais de sua capacidade. Sem tempo para se aperfeiçoar em outras profissões, o que resta para ele é aceitar o que se tem disponível de trabalho, para que possa suprir suas necessidades e sobreviver.

Candido, mesmo sendo livre, é escravo de sua condição financeira, e sua condição financeira é gerada pela desigualdade social segundo Ferreira, (2003) no capitalismo do Brasil colonial os ricos donos das maiorias das terras compravam sua mão de obra escrava, enquanto do outro lado os pobres ficavam sem posse de capital, sem terras e sem trabalho. Assim, acabam se submetendo aos trabalhos que os mais ricos ofertavam, que além de exigirem demais o que propunham a pagar não era suficiente. Então, da mesma forma que Arminda, Candido também está inserido em uma relação de poder de macroestrutura, porém de forma mais implícita, o estado permite o “regime” de desigualdade social, mesmo que ele não se dê conta.

Além da macroestrutura, Candido também se relaciona em uma teia familiar, ao casa-se com a amada Clara, passa a ter obrigação de trabalhar não mais apenas por seu estado de sobrevivência, mas também pelo sustento de sua esposa e de sua tia que a acompanhava, Mônica. Após um tempo de casado, resolve ter um filho com Clara e desde o início da decisão do casal, em aumentar a família, a personagem da tia já desaprova a ideia, afirmando que “se tiverem um filho, morrem de fome”. Após eventuais crises por falta de trabalho e de dinheiro, Candido vai perdendo aos poucos sua autonomia financeira dentro de sua casa e passa a ser cobrado pela personagem Tia Mônica. Essa personagem, mesmo vivendo em condições tão miseráveis quanto Candido, articula estratégias através de seu discurso, para fazer com ele acredite que deve atender a todas as suas cobranças e seguir as suas orientações.

Logo que a criança nasce, a situação agrava ainda mais, e quando não conseguem mais pagar o aluguel da casa em que mora, a personagem da Tia Mônica então passa a tomar conta de toda família e logo trata de arrumar um lugar para que todos fiquem abrigados. E assim que assume o poder dentro da família condiciona Candido a entregar o filho à “roda dos enjeitados” alegando que o mesmo não tem condições financeiras para criá-lo. O então personagem antes já pertencente à macroestrutura de poder, como dependente do sistema capitalista do estado, agora passa a pertencer a uma microestrutura de poder familiar em que se torna subalterno a personagem da Tia Mônica, que provem seu sustento.

O fim da trama termina com Candido capturando Arminda e levando-a de volta a seu dono, após entregá-la, volta pra casa com uma quantia que poderá sustentar a todos por um breve período de tempo, Arminda, devido aos transtornos da viagem de volta, acaba abortando o filho na chegada da casa. O conto termina com uma frase do personagem Candido, e nela Machado golpeia os leitores com uma das mais fortes ironias de seu conto: “Nem todas as crianças vingam”. De fato, nem todos os fetos gerados em um ventre, por diversas circunstâncias, chegam a nascer, mas não foi o caso de Arminda, que teve seu filho retirado pelo poder de quem comanda sua vida e seu corpo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, detectamos que na obra apresentada por Machado de Assis, assim como em outras obras, dedicou-se a relatar os discursos que permearam a época do Brasil Colonial, apontando para as problemáticas vividas pelo povo escravo e pobres dependentes. A partir de seu posicionamento, seus leitores podem ter acesso a uma melhor reflexão da história de nosso povo, assim como podem entender melhor a que tipo de dominação o povo brasileiro foi submetido e quais danos foram causados diante do sofrimento instalado.

Sendo assim, é extremamente importante uma pesquisa como esta, que parte da observação de fenômenos das diversas formas de sujeições ao poder, que o homem passou na sociedade, pois é compreendendo seus significados e o seu processo de funcionamento que podemos buscar resolver os problemas sociais.

Por fim, o texto literário é muito mais que um conjunto de histórias fictícias, este abre espaços para o diálogo, o posicionamento político e com excelência faz o registro de nossa história. É através dele que encontramos uma forma de enxergar os discursos que permearam o nosso passado, entendê-los e reescrever a nossa história.

DISCURSIVE TECHNOLOGIES OF POWER AND SUBALTERNITY IN MACHADO DE ASSIS.

Rebeca Henriques da Costa

ABSTRACT

The aim of this work is divided into three moments: First, to clarify the concept of power in Foucault, in his work about power relations, to portray his idea about power technologies as a tool used to stimulate power relations within spaces social policies. Moreover, demonstrate how and from which these technologies work, also emphasizing their negative side through the power relations, exposing to whom they serve and who are harmed by them. In a second moment, it will be exposed the conception of modernity from the historical point of view, describing the crucial moments in which it differs throughout history and it takes new forms over the centuries. At this point, it will be shown how Machado de Assis exposes his opinion related to Brazilian modern society through his writing, describing how he exposes and discusses his intentions in doing so. In the third moment, we will analyze how *Pai contra mãe* is an example of how Machado de Assis uses literary writing to criticize the social reality of his time and also to emphasize the importance of the literary text as a tool of ideological positions for political reflections.

Keywords: Father against mother. Machado de Assis. Power. Foucault.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. “**Pai contra mãe**”. In: Relíquias de Casa Velha. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro Editor, 1906. Disponível em:

<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00212100#page/1/mode/1up>

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar - A aventura da modernidade**. Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2003.

DELEUZE, G. (2008) **A Ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953 – 1974)**. São Paulo: Iluminuras..

FERREIRA, D. **Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

FOUCAULT, Michael, 1926-1984. **Microfísica do poder** / Michs quael Foucault; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado – 2 ed.- Rio de janeiro: Paz Terra, 2015.

MARTINS, Jefferson Cassiano. **Fazer produzir e deixar consumir: as tecnologias de poder em Michel Foucault, Ipseitas**, São Carlos, 2016, vol. 2, n. 2, p. 154-177

MBEMBE, Achill. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor As Batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1992, 4.^a ed.